

PARA ALÉM DA FOLHA A4 NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE AS IMPLICAÇÕES DA BNCC PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Jaqueline De Lara de Oliveira¹

Camila Eduarda Ribeiro²

Caroline M. Cortelini Conceição³

RESUMO:

O uso excessivo da folha A4 na educação infantil pode limitar a criatividade das crianças e restringir a exploração de outras formas de expressão e aprendizagem. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir dos Campos de Experiência que orientam a organização curricular na educação infantil, evidencia a importância proporcionar experiências ricas e diversificadas, o que sugere que o professor deve buscar uma variedade de recursos e estratégias para promover o desenvolvimento das crianças. Diante do tema pontuado, este trabalho tem como objetivo problematizar a prática pedagógica na educação infantil refletindo sobre as experiências oportunizadas às crianças no cotidiano pedagógico e as implicações da BNCC. A metodologia utilizada é a revisão exploratória de literatura sobre o tema. A discussão tem como base as contribuições de Avila et al. (2019), Barbosa et al. (2021), Dalla Zen et al. (2020), Dornelles et al. (2018), Martins Filho e Martins Filho (2020, 2022), Pasqualini e Martins (2020), Redin (2020), Rodrigues e Amodeo (2019). Os autores consultados apontam que a educação infantil necessita ser um contexto de experiências diversificadas, que incentive a livre expressão e a participação ativa das crianças. Nesse contexto, o professor e o espaço desempenham um papel essencial para oportunizar estratégias pedagógicas diversificadas que atendam as necessidades das crianças. Dessa forma, a educação infantil torna-se um contexto de descobertas genuínas, incentivando o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos e criativos.

PALAVRAS CHAVES:

EDUCAÇÃO INFANTIL, DOCÊNCIA, PRÁTICA PEDAGÓGICA, BNCC

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é um período essencial para o desenvolvimento integral das crianças, abrangendo aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores. Entretanto, observa-se em muitas práticas pedagógicas o uso predominante da folha A4 como principal instrumento de ensino e registro das aprendizagens. Essa prática, embora

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão – Pr. Especialista em Psicopedagogia – UNIFB. Integra os grupos de pesquisa: Educação, crianças e infâncias e História, política e gestão da escola básica.. jaquedelara2@gmail.com

² RIBEIRO, Camila Eduarda. camieduarda@gmail.com 0009-0001-0431-837. Graduada em licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisadora na área da educação infância, formação de professores e avaliação.

³ Professora do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão. Integra os grupos de pesquisa: Educação, crianças e infâncias e História, política e gestão da escola básica. Unioeste. caroline.conceicao@unioeste.br



comum, pode limitar as experiências infantis, reduzindo a ludicidade, a criatividade e a exploração sensorial que caracterizam o aprender na infância. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe um currículo pautado em vivências diversificadas e concretas, reforçando o protagonismo infantil e a necessidade de práticas que valorizem a interação, o brincar e a experimentação como formas legítimas de aprendizagem.

Diante disso, refletir sobre o uso da folha A4 na Educação Infantil implica repensar concepções de ensino e o papel do professor como mediador de experiências significativas. Mais do que questionar o recurso em si, é preciso discutir a intencionalidade pedagógica que o acompanha, buscando alternativas que ampliem as possibilidades expressivas das crianças e valorizem suas múltiplas linguagens. Assim, este estudo propõe uma análise das implicações da BNCC para a prática docente, destacando a importância de uma educação que vá além dos limites do papel e se construa nas interações, na curiosidade e nas descobertas cotidianas do universo infantil.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo fundamenta-se em uma revisão exploratória de literatura, com o propósito de compreender e discutir as implicações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na prática pedagógica da Educação Infantil, especialmente no que se refere ao uso da folha A4 como recurso didático. A pesquisa exploratória foi escolhida por possibilitar uma análise ampla e reflexiva do tema, permitindo o levantamento de diferentes perspectivas teóricas e a identificação de lacunas e desafios na prática docente. O foco recaiu sobre a necessidade de repensar o fazer pedagógico à luz de abordagens que valorizem a ludicidade, a criatividade e a autonomia das crianças no processo educativo.

Para a construção do referencial teórico, foram selecionadas obras e artigos de autores que discutem o planejamento e as práticas pedagógicas na Educação Infantil, como Avila et al. (2019), Barbosa et al. (2021), Dalla Zen et al. (2020), Dornelles et al. (2018), Martins Filho e Pasqualini (2020), Redin (2020) e Rodrigues e Amodeo (2019). A análise das produções permitiu identificar convergências em torno da importância de experiências diversificadas e do papel do professor como mediador de aprendizagens significativas. Assim, a metodologia adotada contribuiu para embasar reflexões críticas



sobre o cotidiano pedagógico e apontar caminhos para uma prática que vá além da folha A4, em consonância com os princípios e direitos de aprendizagem previstos na BNCC.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação infantil é um período crucial para o desenvolvimento integral da criança. No entanto, observa-se um uso excessivo da folha A4 como recurso pedagógico, muitas vezes restringindo a criatividade infantil e limitando a aprendizagem ativa. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância de vivências concretas e diversificadas, mas não menciona a folha A4 como um instrumento central no processo educativo. Assim, o problema não está no uso da folha, mas na maneira como ela é utilizada em sala de aula.

Rodrigues e Amodeo (2019) afirmam que "a educação infantil deve proporcionar experiências diversificadas, permitindo que a criança explore materiais e desenvolva sua criatividade" (p. 112). O excesso de atividades baseadas na folha A4 pode reduzir as oportunidades de experimentação, tornando a aprendizagem menos dinâmica e significativa para a criança.

O uso predominante da folha A4 em atividades pedagógicas limita a manipulação de materiais e a interação sensorial, essenciais para o desenvolvimento cognitivo e motor na infância. Segundo Redin (2020), "as crianças aprendem por meio da exploração ativa do ambiente, sendo fundamental oferecer experiências que envolvam diferentes texturas, formas e possibilidades de criação" (p. 98).

Além disso, a ideia de que a criança precisa apenas preencher moldes prontos ou realizar atividades de recorte e colagem pré-determinadas reduz sua autonomia. Conforme Barbosa (2021), "a prática pedagógica deve incentivar a expressão livre e a participação ativa das crianças em seu processo de aprendizagem" (p. 75). Outro problema associado ao uso excessivo da folha A4 é a padronização das atividades infantis, como a prática recorrente de carimbar mãos e pés em papel. Esse tipo de atividade, quando utilizado de maneira repetitiva e sem contexto significativo, pode limitar a criatividade e a individualidade das crianças. Como destacam Dornelles (2018), "a criança não deve ser tratada como um carimbo que apenas reproduz padrões, mas como um sujeito ativo na construção do conhecimento" (p. 63).

A BNCC reforça a necessidade de metodologias que priorizem a experimentação



e a aprendizagem ativa. Rodrigues e Amodeo (2019) afirmam que "a base curricular enfatiza o protagonismo infantil e a exploração de diferentes materiais como elementos essenciais para o desenvolvimento na primeira infância" (p. 45). Dessa forma, é imprescindível diversificar os recursos pedagógicos e valorizar práticas que incentivem a descoberta e a criatividade. Entre as estratégias para substituir o uso excessivo da folha A4, destaca-se a manipulação de materiais variados, como argila, tecidos, madeiras e elementos naturais. Redin (2020) sugere que "as crianças devem ser incentivadas a dobrar, rasgar, colar e experimentar diferentes materiais, ampliando suas possibilidades expressivas e sensoriais" (p. 112).

A aprendizagem ativa requer espaços preparados para a exploração e a vivência concreta das experiências. Segundo Avila (2019), "os ambientes de aprendizagem devem ser planejados para promover interações significativas e estimular a curiosidade das crianças" (p. 88). Isso significa que o papel do professor vai muito além da oferta de atividades baseadas exclusivamente em papel. Além disso, a introdução de projetos pedagógicos que envolvam a participação das crianças em decisões sobre os materiais utilizados pode favorecer uma aprendizagem mais significativa. Barbosa (2021) enfatizam que "ao permitir que as crianças escolham os materiais e as formas de exploração, o educador contribui para o fortalecimento de sua autonomia e criatividade" (p. 134).

A limitação ao uso da folha A4 como principal recurso pedagógico pode ser substituída por práticas que incentivem a espontaneidade. Redin (2020) destaca que "atividades com moldes prontos reduzem as possibilidades de expressão individual da criança, enquanto a exploração livre promove um aprendizado mais autêntico" (p. 77). A educação infantil precisa ser um espaço de descobertas e experimentação. Segundo Dalla Zen et al. (2020), "a BNCC reforça a necessidade de práticas pedagógicas que possibilitem a experiência concreta e a manipulação de materiais diversos, favorecendo o protagonismo infantil" (p. 55). O uso da folha A4 na educação infantil não deve ser eliminado, mas sim repensado. A maneira como esse recurso é empregado pode determinar se ele contribui ou limita o desenvolvimento infantil. O verdadeiro papel do professor na primeira infância é garantir que a aprendizagem ocorra de maneira ativa e significativa, indo além das atividades impressas.

Diante disso, é fundamental que a educação infantil seja vivida em sua plenitude,



permitindo que as crianças tenham experiências ricas e diversificadas. A infância não pode ser reduzida a atividades padronizadas, e o planejamento pedagógico não deve estar restrito a uma folha A4. A verdadeira aprendizagem ocorre na interação com o mundo, no contato com diferentes materiais e na liberdade de explorar, criar e construir conhecimento de maneira significativa.

Quando o professor amplia seu olhar e diversifica suas estratégias, ele oferece oportunidades mais autênticas para o desenvolvimento infantil. O uso da folha A4 pode ser um recurso, mas não deve ser o centro do planejamento. Ao permitir que as crianças tenham vivências concretas, a prática pedagógica se torna mais dinâmica e enriquecedora, respeitando a curiosidade e o protagonismo infantil. A infância é um período precioso, e garantir que ela seja vivida com intensidade e riqueza de experiências é uma responsabilidade compartilhada por todos os educadores.

A BNCC já aponta caminhos para uma educação mais ativa e investigativa, cabendo ao professor transformar esse direcionamento em prática, sem se prender a modelos engessados e limitadores. O mesmo aponta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento sendo eles: brincar, explorar, conviver, conhecer-se, participar e expressar, garantindo que a criança aprenda em diferentes situações vivenciando desafios e sentindo-se provocadas a resolvê-las construindo assim resultados de si, do outro.

Além desses eixos a intenção é que o professor direcione diferentes experiências permitindo que a criança conheça a si e ao outro de forma natural, cultural e científica aprendendo assim a brincar, comer, vestir-se, higienizar-se e ter contato com outras pessoas dialogando, interagindo e socializando em diferentes espaços, fazendo assim que as experimentações e aprendizagem seja de forma lúdica.

Portanto, repensar o uso da folha A4 não significa eliminá-la, mas sim ressignificá-la. O desafio está em equilibrar diferentes metodologias e garantir que a aprendizagem seja um processo vivo, que respeita a individualidade e favorece o **desenvolvimento integral** da criança. Afinal, a infância bem vivida se reflete na construção de sujeitos mais autônomos, criativos e preparados para interagir com o mundo.

A reflexão sobre o uso da folha A4 na Educação Infantil exige uma análise crítica das práticas pedagógicas e de suas implicações para a formação integral da criança. Altino José Martins Filho (2020) afirma que “a docência na educação infantil precisa estar



pautada na escuta sensível das experiências infantis, nas marcas do cotidiano e nas múltiplas linguagens que compõem o viver das crianças” (p. 42). Essa perspectiva nos faz compreender que a aprendizagem não pode se reduzir ao registro em papel, mas deve nascer da relação com o ambiente, com o outro e com os objetos do mundo.

A concepção de educação proposta pela BNCC reforça o protagonismo infantil como princípio estruturante. Segundo o documento (BRASIL, 2017), é necessário assegurar às crianças “situações de interação e brincadeira que potencializem a curiosidade e a imaginação”. Nesse sentido, a folha A4 pode até ser um suporte, mas não deve ser o **eixo central da experiência pedagógica**. A criança precisa vivenciar o conhecimento de forma sensorial, afetiva e criativa, construindo saberes a partir de explorações concretas.

Altino Martins Filho (2022) observa que as práticas educativas na Educação Infantil, muitas vezes, “ainda estão presas a uma lógica de controle e uniformização das ações, o que empobrece a potência criadora das crianças” (p. 57). Essa crítica se aplica diretamente ao uso excessivo da folha A4, símbolo da atividade pronta e controlada. O desafio do educador é romper com essa lógica e criar um ambiente em que o papel seja apenas mais um elemento entre tantos outros que favorecem o aprender.

A docência na primeira infância, portanto, deve compreender que a criança é produtora de cultura. Dornelles (2018) destacam que “as crianças constroem saberes e criam formas próprias de significar o mundo” (p. 63). Assim, limitar a expressão infantil a atividades impressas é desconsiderar o potencial criativo que emerge da interação com o meio. As experiências precisam ser diversas e dinâmicas, considerando o corpo, o movimento, o som, o gesto e a palavra como linguagens igualmente válidas.

Redin (2020) defende que o espaço educativo é “um terceiro educador”, capaz de comunicar e provocar descobertas. Quando a sala é organizada de modo a oferecer múltiplos materiais tecidos, argila, tintas, folhas, pedras, brinquedos não estruturados, o ambiente convida à investigação. A folha A4, quando inserida nesse contexto de diversidade, ganha novo significado, tornando-se parte de um processo criativo, e não seu ponto de partida.

De acordo com Avila (2019), o papel do professor é o de mediador de experiências. Ele precisa compreender que “o planejamento deve nascer da observação das curiosidades das crianças e das situações cotidianas vividas no grupo” (p. 88). Essa



postura requer sensibilidade e intencionalidade pedagógica. O educador precisa se despir da ideia de controle total sobre o processo e permitir que o inesperado e o imprevisto façam parte da construção do conhecimento.

Martins Filho (2021) argumenta que “a escola de educação infantil deve ser lugar de invenção e não de reprodução” (p. 48). Quando o professor utiliza a folha A4 de forma repetitiva, transforma o ato de aprender em uma rotina mecânica. Por outro lado, quando esse mesmo recurso é inserido em projetos criativos como a produção de livros, mapas, registros livres ou desenhos coletivos, ele se torna ferramenta de expressão e autoria.

A BNCC, ao propor os Campos de Experiência, reafirma a importância da criança como sujeito ativo no processo educativo. Rodrigues e Amodeo (2019) lembram que “os campos de experiência organizam o currículo a partir da vida da criança e de suas interações com o mundo” (p. 45). Assim, a aprendizagem acontece quando o professor planeja atividades que envolvam o brincar, o explorar e o conviver, transformando o cotidiano em espaço de descobertas.

Altino Martins Filho (2020) propõe que a docência na infância seja entendida como “um fazer-fazendo”, um processo vivo e inacabado, em que professor e criança aprendem juntos no cotidiano (p. 39). Essa visão dialoga com a Pedagogia da Escuta defendida por Loris Malaguzzi e pela abordagem de Reggio Emilia, onde a criança é vista como potente, criadora e produtora de cultura. O professor deixa de ser transmissor e passa a ser parceiro na construção do conhecimento.

A partir dessa perspectiva, o planejamento docente deve se apoiar em observações atentas e reflexões contínuas. Pasqualini e Martins (2020) reforçam que “planejar na educação infantil é um ato político e ético, que demanda compreender o tempo da criança e reconhecer sua capacidade de criar” (p. 72). O uso da folha A4, quando descontextualizado, nega essa ética do cuidado e da escuta, tornando o ensino empobrecido e padronizado.

A presença da folha A4 como recurso predominante também revela uma cultura escolar adulto-cêntrica. Como destacam Barbosa (2021), “a escola tende a valorizar produções que se aproximam de padrões adultos de representação” (p. 79). Essa visão reduz a complexidade da infância a um modelo de aprendizagem que privilegia o produto final em detrimento do processo criativo. A BNCC, ao contrário, incentiva o professor a valorizar os percursos e não apenas os resultados.



Para superar esse desafio, é preciso repensar o papel dos registros pedagógicos. Segundo Martins Filho (2022), “registrar é produzir memória viva, é narrar a vida que pulsa nos espaços da infância” (p. 61). O registro, portanto, não se limita à folha A4; ele pode estar nas fotografias, nos portfólios, nas narrativas orais e nas construções coletivas que traduzem o modo como as crianças significam o mundo.

O ato de desenhar, pintar, construir e narrar é também uma forma de pensar. Redin (2020) observa que “as crianças elaboram hipóteses sobre o mundo por meio das múltiplas linguagens” (p. 94). Quando o professor oferece apenas um tipo de suporte, ele restringe o pensamento infantil. Diversificar os materiais e as linguagens é abrir espaço para que o raciocínio se manifeste de formas plurais, respeitando a singularidade de cada criança.

Dalla Zen (2020) destacam que a docência na infância é um ato criativo e investigativo. “O professor é um pesquisador de sua prática, que precisa observar, escutar e intervir de forma intencional” (p. 53). Essa dimensão investigativa se opõe à prática mecânica das atividades de folha A4, pois exige um olhar reflexivo e crítico sobre o cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia contemporânea precisa compreender que a infância é tempo de experiência, não de adestramento. Dornelles (2018) enfatizam que “a educação infantil deve valorizar a ludicidade e o protagonismo da criança, reconhecendo sua capacidade de agir no mundo” (p. 64). Ao permitir que as crianças criem, imaginem e explorem, o professor amplia as possibilidades de aprendizagem significativa.

Segundo Martins Filho (2021), a formação docente é central nesse processo de transformação. Ele destaca que “não há mudança de prática sem mudança de olhar” (p. 59). O educador precisa repensar suas próprias concepções sobre o ensino e compreender que a educação infantil não se resume a preparar para o ensino fundamental, mas é uma etapa com identidade própria e valor intrínseco.

Além disso, a reflexão sobre a folha A4 deve ser entendida como metáfora para a discussão mais ampla sobre o currículo e a avaliação na Educação Infantil. A folha representa o controle, a linearidade e a homogeneização. A superação dessa lógica requer um currículo vivo, que se constrói no cotidiano, a partir das experiências concretas e significativas das crianças (MARTINS FILHO, 2020).



O brincar, o conviver e o explorar, direitos fundamentais previstos na BNCC, precisam ser resgatados como eixos de toda ação pedagógica. Quando a criança é convidada a experimentar, errar, tentar de novo e inventar, ela aprende de modo profundo e duradouro. Nesse sentido, o papel do professor é criar condições para que essas vivências sejam possíveis, ampliando o repertório expressivo das crianças.

Por fim, repensar o uso da folha A4 é um convite à reconstrução da docência. Significa deslocar o foco da atividade pronta para a experiência viva, da execução para a autoria, do controle para a escuta. Como sintetiza Martins Filho (2022), “a docência que se faz na e com a infância é uma docência do encontro, da escuta e da invenção cotidiana” (p. 67). É nessa direção que se constrói uma Educação Infantil comprometida com a sensibilidade, a criatividade e o direito de ser criança.

REFERÊNCIAS

- AVILA, Ivany Souza *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2019.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2021.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#!/site/inicio>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2020.
- DORNELLES, Leni Vieira *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- MARTINS FILHO, Altino José. **As minúcias da vida cotidiana e o fazer-fazendo da docência: dilemas e desafios da escola contemporânea de educação infantil**. *Cadernos da Pedagogia*, São Carlos, v. 17, n. 1, 2024.
- MARTINS FILHO, Altino José. **Docência na educação infantil: reflexões sobre as culturas infantis e o cotidiano do brincar**. *Revista Cocar*, Belém, v. 16, n. 2, 2021.
- PASQUALINI, Juliana; MARTINS, Altino José. **Planejar na educação infantil: um ato político e ético**. *Revista Poíesis Pedagógica*, Catalão, v. 18, n. 1, 2020.



REDIN, Marita Martins. **Educação infantil e práticas pedagógicas: explorando múltiplas possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2020.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; AMODEO, Maria Celina Bastos de. **A BNCC e as linhas norteadoras para a educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2019.

